

Imprensa nos meios anarquistas no Rio de Janeiro: *A Guerra Social*, o “baluarte dos revoltados” (1911-1912)

ANGELA MARIA ROBERTI MARTINS*

Resumo: Este texto apresenta um estudo do periódico anarquista *A Guerra Social*, que circulou no Rio de Janeiro entre 1911 e 1912. Trata-se de uma rica e variada fonte primária para pesquisas que se voltam não só ao movimento operário e anarquista, mas à atuação jornalística de trabalhadores. A ideia é traçar e analisar o percurso e os percalços de um dos principais periódicos anarquistas da cidade-capital, considerando-o como *força ativa* a mobilizar as lutas sociais do período, nas quais os trabalhadores agiam e interagiam enquanto sujeitos históricos, enfrentando o Estado e o Capital. E, nesse sentido, a folha adquire *forte componente político*, despontando como contraponto à imprensa comercial.

Palavras-chave: Anarquismo; imprensa operária; periodismo anarquista, combate, ação militante.

The Press in the anarchist circles in Rio de Janeiro: *The Social War*, the “bulwark of the revolted” (1911-1912)

Abstract: This text presents a study of the anarchist periodical *A Guerra Social*, which circulated in Rio de Janeiro between 1911 and 1912. It is a rich and varied primary source for research, focusing not only on the labor and anarchist movement, but also on the role of their journalistic work. The idea is to trace and analyze the path and setbacks of one of the main anarchist periodicals in the capital city, considering it as an active force to mobilize the social struggles of the period in which workers acted and interacted as historical subjects facing the State and the Capital. And, in this sense, it has a strong political component, emerging as a counterpoint to the commercial press.

Key words: Anarchism; press workers; anarchist journalism, combat, militant action.



* ANGELA MARIA ROBERTI MARTINS é Doutora em História Social pela PUC-SP. Professora associada do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Palavras iniciais

O livro *História da Imprensa no Brasil*, organizado pelas historiadoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, lançado em 2008, agrega estudos de especialistas que se dedicam a refletir sobre “o singular e rico fazer histórico da imprensa brasileira” (p. 9), com o objetivo de “preencher um importante espaço no âmbito bibliográfico, voltado para uma História sistemática e abrangente do fazer jornalístico no Brasil” (p. 9). Na obra, há um espaço, bem modesto, dedicado à imprensa operária, com destaque ao periodismo anarquista.

É no artigo “Diversificação e segmentação dos impressos”, escrito pela pesquisadora Ilka Stern Cohen (2008) que se encontra uma breve seção voltada à imprensa operária, tida como um “...segmento específico, espécie de contraponto ao conjunto efervescente daquele inaugural século XX...”, como afirmam as organizadoras na Introdução da obra. (p. 12)

Nessa seção de seu artigo, I. Cohen, enfatiza que o surgimento da imprensa operária acompanhou o desenvolvimento industrial, sendo resultado de uma necessidade dos trabalhadores no sentido de defenderem seus interesses diante dos padrões de exploração existentes. (p. 120). Destaca, também, que essa imprensa não se sobressaía como “empresa lucrativa”, evidentemente, mas por seu “forte componente político”, que se voltava para apresentar e denunciar publicamente as relações de trabalho no âmbito da produção (p. 120). Admite, ainda, a autora, que, nesse segmento, houve um papel destacado por parte dos anarquistas, cujos jornais não se resumiam à divulgação de informações práticas, uma vez que constituíam “um espaço privilegiado de debate político, na medida em que abordavam as questões enfrentadas pelos trabalhadores no mundo industrial” (p. 121).

Nessa reflexão, I. Cohen reconhece “a predominância do anarquismo nas duas primeiras décadas do século XX” na mobilização operária para defesa dos seus interesses e valoriza a importância dos “inúmeros jornais lançados ao sabor das lutas políticas provocadas pela dinâmica da luta de classes” (p. 123). Na finalização do texto, dedica, ainda, algumas poucas páginas a destacar a imprensa anarquista, um “segmento especial”, segundo ela, que “vem sendo sistematicamente recuperado pelo seu caráter de contraponto ao periodismo oficial e triunfante, sugestivo da diversidade ideológica do período...”, remetendo, por fim, o leitor ao artigo que sucede o seu na obra em tela, no caso o do crítico literário e professor da Unicamp Antonio Arnoni Prado, que conjuga imprensa, cultura e anarquismo. (p. 125)

O estudo que ora apresento sobre o periódico *A Guerra Social* foi instigado pelas considerações de I. Cohen e as contribuições de Arnoni Prado, para quem é a “ação militante que vai caracterizar a maioria dos periódicos anarquistas de princípios do século” (p. 138). Da mesma forma, recebeu a instigação das pesquisadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007, p. 259) que sustentam ser necessário articular “a análise de qualquer publicação ou periódico ao campo de lutas sociais no interior do qual se constitui e atua”. Nessa perspectiva, ambas propõem “no estudo da imprensa um deslocamento que nos conduza da história dos meios de comunicação para o campo da história social”. E mais: é tributário dessa tendência que vem recuperando o periodismo anarquista como um “segmento especial” que se constitui como contraponto ao periodismo oficial e dominante do período.

Nos rastros de um processo crescente de urbanização e industrialização que se espalhava por diversas cidades no país, em especial no Rio de Janeiro e em São Paulo, a imprensa operária se desenvolveu e se afirmou como resultado do acirramento da luta de classes e do próprio amadurecimento do movimento operário nesse embate. E, nesse processo, os impressos, entre eles jornais e revistas, ganharam corpo, servindo tanto para exprimir ideias e defender interesses da classe operária, quanto para mobilizar, orientar e organizar os trabalhadores em sua luta contra a exploração capitalista. (JARDIM, 1996, p. 29-30) *A Guerra Social* faz parte dessa história, integrando um conjunto de publicações anarquistas que circularam Brasil afora. A esse “periódico anarquista” vou dedicar algumas páginas, esperando que o artigo seja uma contribuição aos estudos da imprensa operária como experiência histórica de trabalhadores em luta. E, com isso, possa estimular novas pesquisas, ampliando a produção historiográfica sobre o tema.

A Guerra Social: percurso e percalços

Na travessa Dias da Costa número 9, no Rio de Janeiro, em 29 de junho de 1911, teve início a publicação de *A Guerra Social*, periódico colocado em circulação por iniciativa do Grupo também denominado Guerra Social, constituído pouco antes com a finalidade de se dedicar “à propaganda das ideias anarquistas”.¹ (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911) No cabeçalho do periódico, logo abaixo do título, o nome de João Arzua, operário marmorista, aparecia como administrador.

Figura 1



Fonte: *A Guerra Social*, 23 nov. 1911, p. 1.

No entanto, a nota denominada “*A Guerra Social*”, publicada no primeiro exemplar, esclarecia que “[...] para redatar e administrar o jornal ficou constituída uma comissão composta dos companheiros: Salvador Alacid, Maximo Soares, Luiz França, Manuel Gonçalves de Oliveira, José Rodrigues e João Arzua”.² (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911)

Note-se que o grupo era formado exclusivamente por homens; todos eles operários. Consta que o administrador Arzua, simpatizante do sindicalismo, era um estudioso, portador de boa cultura, que falava e escrevia com desenvoltura. No Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro, nas dependências do Centro Galego, em abril de 1906, Arzua desempenhou a atividade de secretário. E, quando a Confederação Operária Brasileira foi finalmente fundada em março de 1908, Arzua participou de sua organização. Foi redator do Grupo Anarquista Guerra Social entre junho e novembro de 1911. (RODRIGUES, 1997).

¹ Atual Rua Armando de Salles Oliveira, no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Conf. BERGER, 1974.

² Grafia atualizada segundo as normas atuais da Língua Portuguesa.

Além de Arzua, outros nomes eram indicados como redatores e administradores. Salvador Alacid era um operário italiano anarquista que, desde o fim do século XIX, militava ativamente no Rio de Janeiro. Ajudou a fundar periódicos, a redigir artigos e a defender as ideias libertárias. Há tempos se dedicava à propaganda anarquista por meio do periodismo, possuindo experiência pregressa como tipógrafo e atuando na fundação e edição de outros periódicos, como *A Terra Livre* e *Novo Rumo*. (ALVARENGA, 2018) Máximo Soares, provavelmente Máximo Suárez, era espanhol e militante ativo na Argentina. Esteve um tempo no Brasil, passou por Santos e participou do movimento no Rio de Janeiro. Consta que teria discursado em comícios, colaborado na imprensa e integrado comissão em defesa de Francisco Ferrer, em 1909. Luiz França e José Rodrigues eram operários da construção civil, adeptos do ideário anarquista. Ambos militavam no Rio de Janeiro, participando da Federação Operária, inclusive quando foram presos e espancados pela polícia.³

Na edição de lançamento, logo abaixo do cabeçalho lia-se: *A Revolução Social no México* e, em seguida, via-se uma espécie de subtítulo, *Surgindo para o Anarquismo*. Na verdade, tratava-se de um editorial, o qual abordaremos mais adiante, que exprima o posicionamento do periódico e seu compromisso social.

Figura 2



Fonte: *A Guerra Social*, 29 jun. 1911, p. 1.

³ Sobre Manuel Gonçalves de Oliveira, não foi encontrado nenhum registro, nem mesmo na coletânea *Os companheiros*, do memorialista Edgar Rodrigues, também usada para traçar esse breve perfil dos militantes que integraram o grupo responsável pela folha.

Impresso em quatro páginas, a cinco colunas, teve publicação bastante irregular e existência efêmera. Foi lançado, a princípio, como semanário: “a Guerra Social será publicada semanalmente, entretanto, os seus primeiros números aparecerão com o espaço de 15 dias para podermos regularizar-lhe a tiragem e a expedição”. (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911). A periodicidade semanal só foi alcançada depois de alguns meses de circulação:

A “Guerra Social”

Com o número de hoje, a “Guerra Social” começa a sair regularmente uma vez por semana. Conseguimos, afinal, depois duma luta terrível de alguns meses pôr em ordem, anarquizar, numa palavra, a publicação do nosso jornal como o desejávamos. Isto, que já é alguma coisa, está muito longe, porém, de ser muito. Com o presente número colocamos a última pedra na barricada. Agora é que vai começar a batalha contínua, firme, esforçada, de noite e de dia [...]. (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911)

A partir do número onze de *A Guerra Social*, publicado em 3 de fevereiro de 1912, verifica-se uma mudança no cabeçalho da folha. A sede do periódico mudou de endereço; a redação e a administração foram, então, transferidas para a Rua do Senado, número 196.⁴ O nome de Arzua desapareceu do cabeçalho, muito provavelmente em função das perseguições que os redatores, e mesmo os vendedores do periódico, vinham sofrendo por parte da polícia. No novo cabeçalho ainda introduziram outras informações, indicando que as correspondências deveriam ser endereçadas à “Caixa Postal n.º. 1.427”, no Rio de Janeiro, além do valor cobrado pelas assinaturas anual e semestral.

Figura 3



Fonte: *A Guerra Social*, 03 fev. 1912

Depois da mudança da sede para a Rua do Senado, é possível perceber uma presença mais constante de Astrojildo Pereira, então um jovem de 20 anos, na redação das notícias do jornal. Inclusive a caixa postal passa a ser associada à sua pessoa, sendo ele o responsável, também, pela venda de livros. Às vezes, em uma mesma edição, Astrojildo assina mais de um artigo, ora com o seu próprio nome, ora com o seu mais famoso pseudônimo: Astper.

Durante o período em que circulou, pouco mais de um ano, o grupo editor conseguiu publicar trinta e dois números do jornal. O valor do exemplar avulso era 100 Rs, as assinaturas anuais custavam 8\$000 e as semestrais 4\$000. A folha vivia da subscrição

⁴ A partir do exemplar de número 24 consta outra mudança na sede da redação e administração da folha, que passou, então, à Rua do Senado, 182, sobrado, na qual permaneceu até sair de circulação. A mudança constante de endereço por ser indicativo das dificuldades que a folha sofria.

voluntária dos companheiros e simpatizantes, bem como das assinaturas que conseguia angariar, uma vez que nenhuma de suas páginas era destinada a anúncios publicitários:

Aos que recebem pacotes

Deves ser um camarada, um companheiro já traquejado na nossa luta. Por isso, falamos-te com franqueza.

A vida de um periódico depende da boa ordem da sua administração. E esse serviço, como todos os mais, é feito nos nossos jornais, por trabalhadores, depois do dia passado na oficina. Tem, pois, que ser breve e simples. Para isso todos devem contribuir. E tu também. [...]

todos os meses [...], envie-nos o seu produto.

Contribuirás assim para a vida do jornal. Serás um seu amigo.

Se isso não fizeres é porque ele não te interessa e nesse caso já não receberás o seu segundo número. (*A Guerra Social*, 10 fev. 1912)

A linguagem franca e com apelo direto aos camaradas deixava explícita a prática da receita compartilhada como forma de financiar a folha e mantê-la em circulação, marcando a importância do coletivo no processo de manutenção da imprensa anarquista. Segundo o pesquisador Eduardo Cunha, o mecanismo da subscrição voluntária

... não era apenas uma forma de arrecadação de dinheiro para as edições; era uma prática recorrente entre os grupos anarquistas para reunir dinheiro para diversos fins: para a edição de impressos, para a criação de centros sociais e escolas, campanhas de libertação de presos, de apoio à família de militantes presos ou executados, entre outros. (CUNHA, 2020).

Os responsáveis pela concepção e trabalho gráfico do jornal eram trabalhadores que, após uma jornada de 10 a 12 horas de ofício cotidiano em fábricas e oficinas, ainda reuniam força, disposição e tempo para se dedicar à publicação de jornais. (RODRIGUES, 1997). A identificação dos camaradas que colaboravam enviando notícias de outras cidades do país e do exterior, em constante conexão, também era clara e direta:

O presente número d'a Guerra Social dá apenas uma pálida ideia do que ela deverá ser. Sai um tanto incompleta, desordenada devido a não termos ainda o nosso trabalho bem anarquizado. Este campeão anarquista contará com a colaboração de bons elementos da propaganda, entre os quais indicamos: Neno Vasco, em Portugal; Manuel Moscoso, na Argentina; Ernesto Herrera, no Uruguay; José Cordeiro, na Inglaterra; dr. Reynaldo F. Geyer e Polydoro Santos, no Rio Grande do Sul; Leão Aymoré e outros companheiros de S. Paulo, além dos camaradas do Rio. (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911)

O lançamento d'*A Guerra Social* realizava o sonho do seu grupo editor, que era ter o seu próprio jornal; um semanário, de preferência, que pudesse tornar mais cotidiana e efetiva a propaganda, servindo para aglutinar os trabalhadores e até mesmo organizar os militantes em torno de interesses e assuntos comuns, estimular a luta das classes trabalhadoras contra a opressão e a exploração, divulgar o ideário e discutir os acontecimentos do momento:

A Guerra Social

[...] Constituído o grupo, [Grupo Anarquista Guerra Social] fez-se sentir a necessidade urgente de uma voz na imprensa de caráter nitidamente revolucionário, com o fim de propagar o mais possível as ideias anarquistas, encorajando e reunindo os elementos

revolucionários, ora, momentaneamente, desalentados e dispersos. (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911)

Considerada a linguagem utilizada pelo periódico *A Guerra Social*, a dimensão política era explícita, uma vez que colocava em franco questionamento as estruturas socioeconômica e político-ideológica então vigentes:

Aos nossos colaboradores

Nós queremos que *A Guerra Social* seja um jornal de atualidade, vigorosamente combativo mas, para isso, é necessário que os nossos amigos que nos auxiliam com a sua colaboração, escrevam sobre assuntos do momento, evitando mandar-nos artigos sobre divagações doutrinárias que, acumulados, tirariam ao jornal todo o caráter de virilidade que nós lhe queremos dar [...]. Não queremos dizer com isto que o nosso jornal desdenhe a parte doutrinária, não; todavia disto só publicaremos o que for muito bom para o que temos fonte inesgotáveis nos escritos já publicados. Quase sempre é preferível uma boa transcrição a um original que não preenche cabalmente os seus fins. (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911)

Seguindo a tendência da imprensa operária em geral e da imprensa de tendência libertária em particular, a folha interagira com o leitor estimulando e esperando a sua participação ativa no envio de matérias sobre o movimento operário e temas afins, de modo a possibilitar ampla discussão acerca de assuntos do interesse das classes trabalhadoras. (FERREIRA, 1988)

Presente em praticamente todos os exemplares editados, a nota *Munições para a “Guerra Social”*, na página quatro, apresentava uma espécie de balancete do periódico, especificando a sua receita e destacando as contribuições voluntárias de grupos e companheiros, as vendas avulsas, o número de assinaturas, bem como a despesa pormenorizada, com todos os custos que envolviam a publicação da folha, tais como impressão, selos, circulares para o interior, carroto, postais, bonde, talões, papel carbono, papel, envelopes, aluguel e tantos outros.

Figura 4

The image shows a page from the newspaper 'A GUERRA SOCIAL' dated February 28, 1912. The page is divided into several columns. The leftmost column contains articles like 'A vida anarquista' and 'Notas e Notícias'. The middle column has 'A GUERRA SOCIAL' and 'Avizo importante'. The rightmost column is a large financial statement titled 'Munições para a Guerra Social' which lists various contributions and expenses in a table format. The table includes items like 'Impresso e composição', 'Subscrição', 'Vendas avulsas', and 'Total Geral'.

Fonte: *A Guerra Social*, 28 fev. 1912, p. 4.

A propaganda e a venda de jornais, revistas, livros e folhetos pelo grupo editor eram permanentes nas páginas d'*A Guerra Social*. Na seção *Bibliotheca “Questão social”*, na página quatro, eram oferecidos desde livros clássicos como *A conquista do pão*, de P. Kropotkin, a obras de militantes brasileiros como *A razão contra a fé*, de B. Mota. Além desses exemplares e de outros em língua portuguesa, também eram apresentados opúsculos nos idiomas italiano e espanhol. A indicação de títulos variados e em diversas línguas colocava em destaque não só a preocupação com a formação intelectual e crítica do militante, mas também a intenção de atingir o trabalhador imigrante, cuja presença crescia consideravelmente na cidade com a expansão dos ofícios urbanos.

A partir do exemplar de número 12, lançado em 10 de fevereiro de 1912, a página quatro abriu-se, também, à seção *Livros à Venda*, na qual se dava publicidade a uma série de obras, em português e em espanhol, de autores clássicos como Kropotkin, Bakunin, Grave, Gorki, Reclus, Darwin, Faure, Tolstoi e Zola, entre outros. Da mesma forma, eram sugeridas obras de figuras reconhecidas da militância, tais como Fabio Luz, Domingos Ribeiro Filho, Raymundo Reis, Luigi Fabbri e até mesmo de escritores como Lima Barreto, cujas temáticas, após a experiência editorial de *Floreal*, em 1907, começaram a se aproximar do teor revolucionário, da crítica social e da rebeldia. (CARVALHO; SAMIS, 2020) Nesse sentido, a literatura oferecida pelo periódico “abrangeia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e filosóficas” (MOISÉS, 1988).

Em seu conjunto, as obras indicadas para leitura possuíam um caráter mais sociológico, doutrinário e científico, sendo voltadas “à dimensão educativa e cultural que seria em grande parte responsável pela transformação social. É importante ressaltar que, para os libertários, educação, cultura e revolução são indissociáveis.” (SILVA, 2011). Essa era uma prática recorrente entre os militantes anarquistas. Embora diverso na sua forma de expressão, o conjunto de manifestações culturais promovidas pelos libertários tinha nas mais variadas formas de linguagem (escrita, oral e visual) uma ferramenta básica capaz de estimular o agir individual e sensibilizar o espírito coletivo para a revolução que haveria de destruir a sociedade estabelecida e construir a sociedade libertária.

Considerando a incidência do analfabetismo entre as camadas populares, foram criadas alternativas ao texto que possibilitassem a formação do “novo homem” e da “nova mulher”, em contraposição àquele e àquela que eram frutos da sociedade de classes. (MARTINS, 2020) As leituras coletivas faziam parte dessas alternativas, tornando o uso da palavra fundamental no despertar da consciência de homens e mulheres para a situação de dominação vivida pela maioria da humanidade. Práticas culturais como as “leituras comentadas” também eram recorrentes e cumpriam um papel educativo no processo de formação ideológica do militante (BARRANCOS, 1998).

Ao criar as condições para divulgar e vender, facilitando o acesso a essa “literatura útil”, o jornal apresentava Astrojildo Pereira como uma espécie de intermediário entre os interessados e os livros, cujas leituras eram recomendadas. Os pedidos deveriam ser dirigidos diretamente a ele, que ainda militava entre os anarquistas, por meio do serviço de caixa postal (nº 1.427), no Rio de Janeiro. (*A Guerra Social*, 21 ago. 1912).

Figura 5

Pelo correio mais 300 réis por volume. Só serão atendidos os pedidos acompanhados da respectiva importância.

LIVROS A' VENDA

Os pedidos devem ser dirigidos diretamente a **ASTROGILDO PEREIRA** Caixa Postal, 1427 RIO DE JANEIRO

Em português	Em espanhol
<p>PIERRE KROPTKINE – A Conquista do Pão, 1 vol. 15000</p> <p>JOÃO ORAYE – A Sociedade montanha e a anarquia, 1 vol. 15000</p> <p>CHRISTIANO COMBESSEN – A Caminho da Sociedade Nova, 1 vol. 15000</p> <p>PAULO ELSTERHAUSER – As Doutrinas Anarquistas, 1 vol. 15000</p> <p>SAVIERO MERLINO – Formas e essências do socialismo, 1 vol. 15000</p> <p>SERASTIÃO FAURE – A Dcr Universal, 1 vol. 15000</p> <p>CARLOS ALBERT – O Amor Livre, 1 vol. 15000</p> <p>HENRIQUE LEONE – O Socialismo, 1 vol. 15000</p> <p>VÍCTOR CRUPPIERES – A Ação Sindicalista, 1 vol. 15000</p> <p>HUBERT LAGRANGE – Socialismo e Socialismo, 1 vol. 15000</p> <p>EMILIO POISSON – A Condição Geral do Trabalho, 1 vol. 15000</p> <p>MARC PERROT – Socialismo e Revolução, 1 vol. 15000</p> <p>AUGUSTO CEAR – Os Santos – A Questão operária e o Socialismo, 1 vol. 15000</p> <p>ANTÔNIO LIMA – O Conselho de Trabalho, 1 vol. 4000</p> <p>S. NICHOLSON – A Emancipação da Mulher, 1 vol. 15000</p> <p>G. PALANTE – Sociologia, 1 vol. 15000</p> <p>AGOSTINO HANON – Socialismo e Anarquismo, 1 vol. 15000</p> <p>PONTO QUARTIN – Modéstia, vivel! 1 vol. 500</p> <p>CARLOS LIMA – A questão da União socialista, 1 vol. 25000</p> <p>WILLIAM HENRIKSEN – A Escola Moderna de Barcelona, 1 vol. 500</p> <p>JOSE SOMBROU – Quem é Perro, 1 vol. 15000</p> <p>ERNESTO HAECKEL – Os Enigmas do Universo, 1 vol. 25000</p>	<p>ERNESTO HAECKEL – As maravilhas da Vida, 1 vol. 25000</p> <p>– O Monismo, 1 vol. 15000</p> <p>– O homem, 1 vol. 15000</p> <p>– Religião e Evolução, 1 vol. 15000</p> <p>CARLOS DARWIN – A Origem do Homem, 1 vol. 15000</p> <p>WHITE – Luta entre a Ciência e a Religião, 1 vol. 25000</p> <p>HELEODORO SALDANO – Rituais da Morte, 1 vol. 15000</p> <p>EMILIO BOSSI – Cristo nunca existiu, 1 vol. 15000</p> <p>– A Igreja e a Liberdade, 1 vol. 15000</p> <p>DENNY – Desenvolvendo do marxismo, 1 vol. 15000</p> <p>THOMAS HENRY – Não trata em Deus, 1 vol. 15000</p> <p>CARLOS FLAMMARION – A Vida em Astron, 1 vol. 15000</p> <p>– Intuição astral, 1 vol. 25000</p> <p>CARLOS LAURANT – Intuição matemática, 1 vol. 15000</p> <p>DARWIN – Intuição química, 1 vol. 15000</p> <p>OULLAUME – Intuição mecânica, 1 vol. 15000</p> <p>BRUCKLER – Intuição sociológica, 1 vol. 15000</p> <p>H. SPENCER – O que é a moral, 1 vol. 25000</p> <p>LEÃO TOLSTOY – A Escrita Moderna, 1 vol. 15000</p> <p>– Amor e Liberdade, 1 vol. 15000</p> <p>– O Cristo do Cristo, 1 vol. 15000</p> <p>– A Sínese de Krestin, 1 vol. 15000</p> <p>– Ressurreição, 1 vol. 25000</p> <p>– Últimas palavras, 1 vol. 25000</p> <p>EMILIO ZOLA – A Taberna, 3 vols. 25000</p> <p>– Carmesil, 1 vol. 25000</p> <p>– A Desceida, 3 vols. 25000</p> <p>– O Trabalho, 1 vol. 25000</p> <p>– Verdade, 1 vol. 25000</p>

Em hespanhol

A. HANON – Determinismo e responsabilidade, 1 vol. 15000

– Psicologia del socialismo-anarquista, 1 vol. 15000

– Socialismo y anarquismo, 1 vol. 15000

BARROUSSE – Dios y el Estado, 1 vol. 15000

– Federalismo, Socialismo y Anti-teologismo, 1 vol. 15000

SARON O'HENRICH – Miséria, Justiça y Malo, 1 vol. 15000

– El sereno Dios, 1 vol. 15000

BUCHNER – Fuerza y materia, 1 vol. 15000

– Luz y vida, 1 vol. 15000

– Ciencia y Naturaleza, 1 vol. 15000

DARWIN – La lucha por la existencia, 1 vol. 15000

– El pasado y el porvenir de la Humanidad, 1 vol. 15000

– El origen del hombre, 1 vol. 15000

– Mi viaje al rededor del mundo, 2 vols. 25000

– El origen de las especies, 3 vols. 25000

– La expresión de las emociones en el hombre y en los animales, 2 vols. 25000

DRAPER – Conflictos entre la Religión y la Ciencia, 1 vol. 15000

LUIZ FAURE – Socialismo y anarquismo, 1 vol. 15000

SERASTIÃO FAURE – El dolor universal, 2 vols. 25000

J. ORAYE – La sociedad futura, 2 vols. 25000

– La sociedad montañesa y la Anarquía, 1 vol. 15000

– El individuo y la sociedad, 1 vol. 15000

HAECKEL – Los enigmas del universo, 3 vols. 25000

– Las maravillas de la vida, 2 vols. 25000

– El origen de la vida, 1 vol. 15000

KROPTKINE – La conquista del pan, 1 vol. 15000

– Palabras de un rebelde, 1 vol. 15000

– Campos, fabellas y tallares, 1 vol. 15000

– Las prisiones, 1 vol. 15000

– El apoyo mutuo. Un taller de la evolución, 2 vols. 25000

HENRIQUE LEONE – El Socialismo, 1 vol. 15000

– Ciencia y materia, 1 vol. 15000

C. MALATO – Filología del anarquismo, 1 vol. 15000

– La gran huelga (Historia del capitalismo), 2 vols. 25000

LUISA MACHIS – El mundo nuevo, 1 vol. 15000

ANGELMO LORENZO – El pueblo, 1 vol. 15000

JOSE PRAT – Códigos demócratas, 1 vol. 15000

– La Burguesía y el Proletariado, 1 vol. 15000

ELIOT RACLOS – Evolución y revolución, 1 vol. 15000

– La masajista, 1 vol. 15000

– Mis exploraciones en América, 1 vol. 15000

– El arroyo, 1 vol. 15000

– Nuestro presente, 1 vol. 15000

LEÃO TOLSTOY – La verdadera vida, 1 vol. 15000

– La guerra y la paz, 1 vol. 15000

– La enciclopedia de Yasná-Poliána, 1 vol. 15000

– Resurrección, 1 vol. 5000

– La guerra y la paz, 1 vol. 5000

– La Sonata de Kreutzer, 1 vol. 15000

– Ana Karenina, 2 vols. 15000

VOLTAIRE – Diccionario Filosófico, 8 vols. 50000

D. LABREN – El socialismo y sus luchas con el Estado, 2 vols. 25000

L. ARREAT – De frente al socialismo, 1 vol. 15000

LEIAM

— 22 —

propaguem a "Guerra Social"

Fonte: *A Guerra Social*, 28 fev. 1912, p. 4.

Seguindo certa tendência observada no periodismo anarquista, *A Guerra Social* teve sua publicação interrompida algumas vezes devido à precariedade dos recursos disponíveis, não só financeiros, mas também materiais, como ocorreu entre 1º de maio e 14 de agosto de 1912:

A GUERRA SOCIAL

Após um lapso forçado de quase quatro meses, reaparece hoje “A Guerra Social”. Devemos uma explicação aos nossos assinantes, aos nossos camaradas, aos nossos amigos. Porque foi suspensa a publicação do jornal? Como poderão verificar pelo balancete publicado hoje, a despesa tipográfica ... subiu... fomos obrigados a mudar de tipografia. A que anteriormente nos servia pelo preço de 130\$000 – e isto por motivos especiais – passou a novos donos, obrigando-nos, assim, a procurar caça nova. E a que mais em conta nos fazia a folha cobrou-nos 170\$000. Para quem conhece o que são as tipografias do Rio, essa exorbitância não espanta [...]. Por outro lado, o déficit aumentava, semana a semana. Impotentes, no momento, pela falta de dinheiro, fomos obrigados a parar. Mas parar para juntar forças e recomeçar, mais fortes. A necessidade... da publicação dum jornal com a feição d’ “A Guerra Social”, não podia deixar-nos inertes. E não ficamos... Trabalhamos. Lutamos. E...vencemos. Por troca de ideias entre os camaradas dos dois Grupos da “G. S.”, o daqui e o de S. Paulo, chegamos a um resultado satisfatório. Havia, na Paulicéia, dous outros grupos editores: o “Aurora e Libertas” e o da antiga “Terra Livre”, ambos com material tipográfico. Aquele estava a caminho de dissolver-se; este com os tipos encostados. Chegamos a um acordo. O “Aurora e

Libertas” dissolveu-se, de fato, e deu-nos o seu material; o da “Terra Livre” resolveu enviar-nos também o seu. Estamos, pois, “quase” livres do pesadelo – a tipografia... “Quase”, porque ainda resta a impressão e o papel. Mas isso é barato. Menos de 40\$000. Quanto ao trabalho de composição, alguns camaradas tipógrafos se ofereceram a fazê-lo de graça, até que a vida do jornal esteja garantida. E essa garantia depende exclusivamente daqueles que deveras se interessam pela publicação regular d’“A Guerra Social”. Mais do que nunca, esperamos o apoio certo e eficaz dos que se dizem anarquistas e desejam seriamente que a propaganda seja um fato, neste Brasil enorme, colossal, riquíssimo... e habitado por tantos milhões de criaturas que vivem, exploradas, na miséria e na ignorância, famintos e analfabetos [...]. Já dissemos, uma vez, que não posamos de mártires nem de heróis. Pensamos, simplissimamente, cumprir um dever de consciência, propagando ideias que nos parecem destinadas a libertarem o homem do jogo secular que o estrangula e o emperra e o encadeia, impedindo o seu desenvolvimento livre, o seu progredir natural. “A Guerra Social” aí está. Ela pretende ser o **baluarte dos revoltados** [grifo meu] desta terra. Auxiliai-a, pois, vós todos que a julgais necessária. A sua vida está nas vossas mãos. (*A Guerra Social*, 14 ago. 1912)

Através dessa nota, é possível colher dados a respeito da dinâmica vivida pelo grupo editor do jornal libertário. Os companheiros dialogavam com o leitor procurando inteirá-lo das dificuldades financeiras enfrentadas, do alto custo da parte tipográfica, da falta de dinheiro para preservar a tiragem do periódico, das trocas constantes de informação, recursos materiais e de préstimos entre os grupos editores do Rio de Janeiro e de São Paulo e da solidariedade entre esses grupos para manter as publicações em circulação. Destacava, ainda, a presença dos companheiros tipógrafos na composição da folha e a importância da ajuda dos camaradas para a sobrevivência da imprensa libertária e para o cumprimento da sua função maior: propagar o ideário com vistas a potencializar esforços no sentido da libertação da humanidade de toda forma de opressão.

A seção *A vida anarquista* apresentava-se como um mosaico de pequenas notas a respeito da dinâmica do movimento libertário no país. Anunciava a formação de grupos ácratas, publicizava o lançamento de opúsculos libertários e comunicava reuniões, palestras, conferências e festas em benefício da folha:

A vida anarquista

Em S. Paulo

Grupo da Guerra Social em São Paulo. – Os camaradas de São Paulo projetam uma festa em favor da “Guerra Social” com uma parte dramática, na qual, provavelmente, será levada à cena a peça “O Desmoronamento”. (*A Guerra Social*, 10. fev. 1912)

A conjugação de atividades culturais e pedagógicas com propaganda do ideário, sobretudo através do teatro social, era uma constante na dinâmica social vivida pelos militantes anarquistas, visto que, frequentemente, precisavam recolher fundos para as suas práticas sociais, o que a sua moral não lhes permitia fazer por intermédio de uma festa dedicada exclusivamente ao lazer.⁵

A Guerra Social seguia a tendência predominante da imprensa libertária da época no Brasil e mesmo em outros espaços onde o anarquismo floresceu, mobilizando “...o internacionalismo como fundamento teórico das práticas sociais e revolucionárias do

⁵ Quando necessitavam recolher fundos para os jornais ou famílias de militantes presos, era comum a organização de conferências, palestras ou encenações teatrais de caráter doutrinário, seguidas de festa ou baile.

anarquismo”. (CHALMERS, 2017). Ou seja, procurava estabelecer intercâmbio entre os principais militantes que atuavam no país com aqueles que militavam no exterior, formando uma rede de comunicação e solidariedade que visava, segundo os libertários, o fortalecimento do *movimento de libertação internacional dos povos*:

Jornal italiano em projeto

Recebemos da Itália uma lista de subscrição em favor da publicação dum novo jornal em Roma, cuja direção deverá ficar a cargo de Henrique Malatesta. Essa lista foi-nos enviada por uma comissão de camaradas italianos, encarregada pela assembleia plenária dos Grupos Anarquistas Comunistas, realizada em Roma a 12 de outubro último, para recolher os fundos necessários para a fundação do projetado jornal. A lista aqui fica, na redação, à disposição dos camaradas, que queiram concorrer com o seu auxílio. (*A Guerra Social*, 10. fev. 1912)

A mesma tendência se observa na edição de 21 de setembro de 1912, quando *A Guerra Social* informa ter recebido diretamente de New York, uma circular do Comitê Editor das Obras de Voltairine De Cleyre, que havia falecido há dois meses.⁶ Pela transcrição da circular, é possível verificar que o Comitê lançara uma Campanha internacional em favor da publicação de uma coletânea, em dois volumes, reunindo as poesias e os artigos de opinião “da maior mulher da América”, considerada uma das “militantes mais talentosas e dedicadas” do movimento libertário. Com essa publicação, o periódico, para além de informar, cumpria sua função de manter a base mobilizada em prol de uma campanha que corria mundo visando obter recursos para a edição de obras de propaganda anarquista. A contribuição para esse fim deveria ser dirigida a Harry Kelly & C. Mother Earth, 55 West 28th Street, New York, USA.⁷ (*A Guerra Social*, 21 set. 1912)

O grupo editor d’*A Guerra Social* interagiu, igualmente, com os movimentos sociais na América e na Europa, bem como com as mobilizações dos trabalhadores nas principais capitais do país e em algumas cidades do interior. A nota *Movimento internacional* estampava uma série de notícias a respeito de greves, condições de vida e de trabalho, agitações e reivindicações, protestos e repressões no México, nos Estados Unidos, na Argentina, no Uruguai, na França, na Inglaterra, na Rússia e em outros países.

Da mesma forma, a seção *Mundo Operário* publicava diversas notas acerca das mobilizações no país, tais como a greve dos carvoeiros e dos portuários, o estado de greve dos operários das pedreiras e dos marmoristas, a organização dos gráficos e dos alfaiates, a carestia das casas no Rio de Janeiro e outras informações do gênero necessárias à politização, mobilização e organização dos trabalhadores.

A Guerra Social: a proposta revolucionária

Com uma linguagem direta e objetiva, um posicionamento crítico e uma função evocativa, a folha, no curto período em que circulou, foi uma voz firme e uma presença vigorosa na dinâmica social do movimento operário e anarquista que se projetava nas ruas

⁶ Voltairine De Cleyre foi uma militante anarquista estadunidense de grande expressão e relevo. Morreu precocemente, aos 45 anos, em junho de 1912. A anarquista lituana Emma Goldman, radicada nos EUA, que conviveu com Voltairine, a considerava “a mais dotada e brilhante anarquista já nascida nos Estados Unidos”. Infelizmente, ainda há carência de tradução e edição em português de seus textos, o que a torna pouco conhecida entre nós. Conf. DE CLEYRE, 2019.

⁷ A campanha era liderada por Emma Goldman e Alexander Berkman, entre outros.

do Rio de Janeiro nos anos dez. Desde o seu início, o editorial da edição de lançamento deixou claro o posicionamento combativo e o compromisso da folha:

A Revolução Social no México

Surgindo para o Anarquismo

[...] *A Guerra Social* vem combater toda a forma de autoridade, de exploração, de fanatismo religioso.

Combatemos pela anarquia e como anarquistas queremos a socialização da propriedade, sendo em ciência materialistas, deterministas em filosofia e ateus em religião. [...]

A Guerra Social vem agitar a questão social entre os deserdados do patrimônio universal, vem lutar pela emancipação dos tiranizados de sempre. [...] (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911).

Nessas poucas linhas iniciais já se percebe a proposta combativa da folha e sua postura antiestatal, anticapitalista e antirreligiosa. Os operários-redatores se assumem anarquistas e explicitam sua disposição em lutar pela anarquia, contra as formas de poder e autoridade e pelo fim do regime de propriedade, colocando-se como materialistas e ateus. Já são enunciados os principais postulados do anarquismo, os quais seriam mais bem desenvolvidos na sequência do editorial:

A expropriação da burguesia é um ato de justiça, porque a riqueza que ela detém nas suas garras é o resultado da exploração do esforço cotidiano do trabalhador.

A terra e os instrumentos de trabalho devem pertencer a todos e a cada um dos membros da comunidade humana.

A Guerra Social, sendo o centro de irradiação revolucionária, combaterá o parlamentarismo, assim como todos os paliativos políticos e associativos que aniquilam no povo as suas melhores energias, levando-o a esperar de terceiros aquilo que não lhes podem dar e que ele deve conquistar diretamente, com o seu próprio esforço.

No meio operário propagará *A Guerra Social* a organização com caráter revolucionário, onde, não se procurando deter a ação nas conquistas de efêmeros melhoramentos, se prepare o trabalhador para a greve geral revolucionária, um dos elementos da Revolução Social que se apresta a derrubar esta sociedade apodrecida.

Como internacionalistas, combatemos na *Guerra Social* ao patriotismo, que prende a humanidade entre as fronteiras artificiais de agora, permitindo a existência desse monstro que se chama a guerra. Queremos uma pátria grande, única, onde todos os homens sejam irmãos, vivam em paz e trabalhem pelo bem geral. E, sendo o militarismo um defensor das fronteiras, e, ao mesmo tempo, o sustentáculo da burguesia, que ele mantém à custa de sacrifício do povo, a *Guerra Social* não lhe dará tréguas, pregando incessantemente o antimilitarismo. (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911).

Essa parte do editorial é particularmente primorosa. Exprime muito bem a linha ideológica assumida pela folha, bem como o programa e os valores que mobilizavam o Grupo Anarquista Guerra Social, responsável por sua edição. Defende a derrocada da burguesia, a expropriação da propriedade, seja da terra, seja dos instrumentos de trabalho; ataca o parlamento e censura a delegação de poderes própria à democracia representativa; argumenta a favor do internacionalismo, combatendo o patriotismo, as fronteiras artificiais, a guerra e o militarismo; assume a defesa da organização revolucionária dos trabalhadores, clamando pela greve geral como elemento potencializador da Revolução Social.

Desse modo, em linguagem direta, objetiva e plena de sentidos se consegue sintetizar e divulgar os postulados básicos do anarquismo, o que se combate e o que se defende, deixando evidente o “o caráter educativo da propaganda”, no sentido de difundir informações e ideias com fins ideológicos. (OLIVEIRA, 2021).

No fim do editorial, o tom é de invocação aos “trabalhadores”, ao “povo”; um verdadeiro chamamento para arregimentar braços à “revolução”:

Trabalhadores! povo! ó vós todos que sofreis as consequências desta sociedade feita de tirania e de exploração! vinde à revolução! Nela só tereis a perder os farrapos que vos cobrem e a conquistar uma vida plena e feliz!

Vinde lutar conosco para a conquista de um mundo novo! vinde trabalhar pela Anarquia!
(*A Guerra Social*, 29 jun. 1911).

Esse editorial apresenta-se como uma verdadeira carta de princípios. Além de usar a linguagem culta e estar muito bem redigido, exprimia tanto a opinião do grupo editor, como seu posicionamento crítico de forma direta e explícita. Seguiu, igualmente, uma tendência observada no periodismo de então, sendo comum nesse texto jornalístico a ausência de assinatura individual, uma vez que ele representava, no caso d’*A Guerra Social*, o conjunto de trabalhadores responsáveis pelo projeto coletivo de edição do jornal.

Neste ponto, interessa destacar o periodismo anarquista como “uma prática constituinte da realidade social”, a tencionar certas “formas de pensar e agir”, delimitando espaços, demarcando temas, mobilizando opiniões e ações, constituindo adesões e consensos, enfim, assimilando interesses e projetos de determinada força social. (CRUZ; PEIXOTO, 2007)

No segundo número de *A Guerra Social*, há um reforço do posicionamento e compromisso social da folha, utilizando-se, para tanto, da publicação de um artigo de Pietro Gori⁸ intitulado *O nosso ideal*, no qual foram evidenciadas, também, as principais ideias-forças do anarquismo:

O nosso ideal

A propriedade individual [...] é a funesta geradora de todos os crimes [...] é a causa de misérias morais e materiais [...]. Não há, não pode haver ordem, na verdadeira acepção da palavra, onde existir seja nas relações sociais, econômicas ou políticas, domínio, opressão, violência do homem sobre o homem. Eis o motivo por que os anarquistas empunham a revolucionária e demolidora picareta da crítica contra a ordem capitalista e familiar da presente organização social. Eis porque atacam na sua essência o princípio da autoridade personalizada no Estado ou no governo, não este ou aquele governo, mas sim todos os governos. [...] Então a Anarquia, palavra tão deturpada, mas que encerra a mais esplêndida concepção filosófica e científica dos nossos tempos; a Anarquia que aos olhos dos devotos da autoridade aparece como o espectro do Apocalipse, estenderá as suas puras e cândidas asas sobre a realidade do Amor e aos direitos humanos triunfantes, e que hoje parecem utopia aos homens de pouca fé e aos defensores do presente estado de desigualdade. (GORI, *A Guerra Social*, 16 jul. 1911)

⁸ Pietro Gori (1865-1911) foi um anarquista italiano que se projetou no meio libertário não só como advogado de operários grevistas e de anarquistas, mas por sua intensa militância como agitador, orador e conferencista, divulgando as ideias libertárias. Participou ativamente da imprensa anarquista na Itália e na Argentina, onde se exilou por um tempo. Escreveu livros, peças de teatro, panfletos e músicas de cunho libertário.

Reproduzindo as propostas de Gori, *A Guerra Social*, em última instância, procurava trabalhar pelo aniquilamento da propriedade privada, tida como a razão das desigualdades sociais, pelo fim da exploração do homem sobre o homem, considerada o sustentáculo do regime capitalista, e pela abolição do Estado, entendido como o maior inimigo do homem. Empenhava-se, igualmente, em prenunciar a chegada vitoriosa da Anarquia, colocando a revolução social como uma possibilidade para um futuro bastante próximo. Possuindo, portanto, uma leitura do social marcada pela oposição entre capital e trabalho, exploradores e explorados, opressores e oprimidos, os anarquistas defendiam e difundiam a chegada de novos tempos para toda a humanidade. Para muitos, a revolução social estava prestes a se realizar, constituindo-se no verdadeiro passaporte para outro mundo, firmado em bases mais solidárias, igualitárias, livres e criativas.

Na mesma linha, de reforço e repetição do programa do periódico, a edição de 02 de agosto de 1911, apresenta um longo texto que ocupa basicamente toda a página 4, também intitulado “O Nosso Ideal”. Trata-se de um texto que pode ser compreendido como parte de um certo plano pedagógico do periódico direcionado à formação dos trabalhadores. Em seu início, o texto volta-se para as “razões e escopo do socialismo anarquista” discorrendo sobre as desigualdades sociais e a luta de classes, o Estado e a burguesia a fim de fundamentar os motivos pelos quais os operários-editores eram “ao mesmo tempo socialistas e anarquistas”.

Na sequência do texto, observa-se o uso de diversas palavras-chave no vocabulário político do anarquismo. Critica-se o parlamento e a ação eleitoral, defendendo a revolução, como produto da ação direta e meio de transformação social:

VIAS E MEIOS

[...] Querendo uma revolução profunda, verdadeiramente social, em que o povo trabalhador se aposse da riqueza de todos e diretamente a administre, sabendo que esta revolução não pode ser decretada do alto, que nenhuma classe privilegiada se despoja de bom grado, que a emancipação dos trabalhadores há de ser obra deles próprios, como é lição da história, queremos que o povo se habitue desde já a *agir diretamente* e a *associar-se*, sem confiar em providências e amigos e sem delegar poderes [...]. (*A Guerra Social*, 2 ago. 1911)

Da mesma forma, o texto esclarece que “os anarquistas não são violentos”, embora admitissem “o emprego da força para remate da evolução que se realiza no sentido libertário e como *resistência* à violência e à opressão”. Explica sobre “Os Atentados”, afirmando que não integravam o programa anarquista, sendo, na verdade, resultados de atos individuais de “homens oprimidos, perseguidos, violentados; como “atos de revolta, instintivos, inevitáveis, respostas de baixo às violências do alto”. E, por fim, apresenta a seção “Definições” na qual são exibidos os verbetes “Socialismo”, “Anarquia”, “Anarquismo” e “Socialismo anarquista”, trabalhando a dimensão conceitual desse vocabulário político.

SOCIALISMO – doutrina e movimento tendo em vista a *socialização* da terra e dos meios de produção... e de transporte, ... *Socialização* quer dizer expropriação da atual classe proprietária, de modo que a riqueza existente, que em sua origem é social (obra de todos), passe a ser também social no seu destino, passe a ser de todos e para todos.

ANARQUIA – ausência de governo e de leis impostas pela violência; sociedade regida pelo acordo livre e voluntário. A palavra *Anarquia*, de origem grega, significa simplesmente *sem governo*, e é a crença errônea de não poder haver ordem sem governo

que lhe deu o sentido de “desordem”. [...] A ordem é inerente à sociedade e às suas condições de existência – e não é um governo que poderá garantir, antes pelo contrário.

Anarquismo – doutrina segundo a qual todas as formas de governo assentam sobre a violência e são desnecessárias e nocivas; método de ação e organização baseado sobre a autonomia e a livre iniciativa dos indivíduos e dos grupos, excluindo a delegação de poder (eleição ou nomeação de qualquer autoridade, ou de qualquer fator de leis obrigatórias).

Socialismo anarquista – doutrina segundo a qual a *anarquia* é a forma política necessária da sociedade socialista, o *anarquismo* é o método de ação e o indispensável instrumento de realização do socialismo, tanto presente como na expropriação final, assim como a socialização é condição essencial para a possibilidade da anarquia; teoria que defende a organização livre e livre experimentação social, abolida toda a coação, quer *direta* (a que é exercida pelo poder político) quer *indireta* (a que resulta da privação dos meios de produzir, sujeitando-nos ao patrão). A livre federação dos grupos livres de produtores e consumidores, dispendo em comum e livremente da terra e instrumentos de trabalho, seria uma *sociedade socialista anarquista*. (*A Guerra Social*, 2 ago. 1911)

Esse texto não possui apenas um caráter informativo, no sentido de esclarecer e fornecer informações acerca do Ideal e dirimir possíveis dúvidas sobre os assuntos em questão; vai além, assumindo um caráter formativo, voltado para a educação de indivíduos conscientes, com segura base ideológica. Em cada palavra de força, procurava-se despertar consciências, de modo a estimular no indivíduo explorado e oprimido tanto o agir individual quanto o espírito coletivo, que, a um só tempo, poderiam derrubar a ordem estabelecida e construir uma sociedade baseada na liberdade e na igualdade, em formas mais livres e justas de existência.

Para além do combate à propriedade privada e a toda e qualquer forma de autoridade, *A Guerra Social* posicionou-se, também, contra a tradição religiosa, a ideia de Deus e o clericalismo. De modo criativo e bastante didático, novamente, a coluna *O cantinho das crianças - Coisas de NhôNhô*, publicada em 29 de junho de 1911 e firmada com o nome de Genesillo de Passamonte, apresentava um *diálogo doutrinal*, de forma anedótica e com forte concepção ateísta e irreligiosa:

O cantinho das crianças

Coisas de NhôNhô

- Mamãe, quem foi que fez os abalos de terra de Portugal?

- Deus.

- E os de Valparaíso, também Deus?

- Também.

- Então foi ele que matou assim tanta gente?

- Foi.

- E diga-me, mamãe, como é que a polícia ainda não tomou conta de Deus?...

[...]. (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911).

No mesmo *diálogo doutrinal*, era possível evidenciar, ainda, a tradição libertária do fim das fronteiras e das nacionalidades. Explicitava-se, assim, dimensões do princípio internacionalista do anarquismo, criticando a noção de pátria:

[...]

- Diga-me, papai, a pátria está antes da mamãe?
- Está.
- E se mamãe necessitar de mim e a pátria também, a qual das duas é que eu hei de acudir?
- A pátria.
- E que me dá a pátria?
- Nada.
- E a mamãe?
- Tudo.
- Então, eu fico com a minha mamãe e a pátria que vá para o diabo que a carregue... (*A Guerra Social*, 29 jun. 1911).

De um lado desafiando a crença em Deus e criticando a ação da polícia e, de outro, contestando diretamente o amor à pátria e indiretamente o serviço militar, as palavras dos *diálogos doutriniais*, sob a forma anedótica, nutriam-se do recurso da ironia e da linguagem popular para melhor atrair o público receptor na crítica às instituições que fundamentavam a ordem estabelecida. Para além dos ataques à tradição religiosa e às instituições jurídico-políticas, cumpre observar, nos dois *diálogos doutriniais*, a explicitação da figura feminina como mãe – a mãe que guia, orienta e educa; e a mãe que potencializa a vida e representa a encarnação profunda do amor, pela qual se luta, se mata e se morre.⁹

De acordo com a pesquisadora Lily Litvak (1981), o uso do diálogo, à base de perguntas e respostas, era recorrente, sendo aplicado no sentido de levar um dos interlocutores, e com ele o leitor, a uma dada conclusão que se constituía sempre em ensinamento ideológico. Esse era um recurso constantemente usado na literatura anarquista, pois de forma anedótica se explicitavam “os postulados essenciais do ideário ácrata”. Recorria-se ao *diálogo doutrinial* como estratégia pedagógica para o leitor adquirir as bases da cultura libertária de forma mais ágil, coloquial e direta. E no caso dessa coluna, *O cantinho das crianças - Coisas de Nhônhô*, admitia-se, até mesmo, uma base formativa estendida às crianças, filhas dos trabalhadores que liam e interagiam com a folha.

Na edição de 23 de novembro de 1911, o editorial intitulado *Abaixo a guerra burguesa! Viva a guerra social!*, por meio de um discurso incisivo, esclarecia os interesses que o jornal defendia e o posicionamento que assumia:

[...] A única guerra que pode melhorar a sorte do proletariado é a guerra social pelo comunismo e pela anarquia. [...] A verdadeira, a única questão que interessa quem trabalha é emancipar o trabalho da usura do capitalismo, a única guerra legítima é a do indivíduo contra todas as formas de coação, contra o Estado, e se for preciso, contra a sociedade. E quem, turco, chinês, australiano, branco ou preto luta para se ver livre, para afirmar o direito do próprio eu, é sempre nosso irmão. [...] Contra a guerra burguesa, na qual sucumbem os proletários para a glória e interesse da burguesia, proclamamos a guerra social no interesse direto de seus sequazes. (*A Guerra Social*. 23 nov. 1911).

Por meio dessas palavras, é possível perceber que o elemento político percorria as páginas desse jornal, em torno do qual gravitavam princípios fundantes do anarquismo. Na crítica

⁹ Sobre as representações do feminino na imprensa anarquista ver MARTINS, 2009, p. 119-163.

ao capitalismo, ao Estado e à sociedade verifica-se a existência de uma proposta, antes de tudo, revolucionária, que visava o aniquilamento da ordem estabelecida em favor do comunismo e da anarquia, ideias sistematizadas pelo libertário russo Piotr Kropotkin.

Tema constante nas páginas de *A Guerra Social*, a Revolução Mexicana foi tratada com simpatia pelos militantes libertários do Rio de Janeiro, que sempre valorizavam o “fundo social da luta dos trabalhadores radicais”, como escreveu o historiador Sergio Mesquita¹⁰ em pesquisa que realizou para o *Emecê* – Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa (Ano V, nº 18, dez./2010)

Nessa pesquisa acerca da “imprensa anarquista do Rio de Janeiro diante da Revolução Mexicana”, Mesquita destaca o papel de contraponto exercido pelo periodismo libertário, como *A Guerra Social*, por exemplo, que procurava esclarecer seus leitores, “desfazendo o quanto possível as visões, consideradas superficiais e de cunho conservador, transmitidas pela grande imprensa brasileira” sobre o processo revolucionário em curso no México. (MESQUITA, 2011)

Apresentando uma interlocução permanente com as classes trabalhadoras, a folha abria espaço para notícias a respeito das mais diversas categorias profissionais: carroceiros, pedreiros, comerciários, ferreiros, tecelões, barbeiros, pintores, tipógrafos, sapateiros, ferroviários, estivadores, alfaiates, tamanqueiros, dentre outras, sempre incentivando a organização e ação revolucionárias. Da mesma forma, abordava o cotidiano do trabalhador, noticiando sobre greves, acidentes de trabalho, mortes, exploração dos menores, jornadas longas e extenuantes de trabalho, os abusos e as péssimas condições de trabalho no espaço da produção. (DANIEL, Ano VII, nº 21, out./2011)

Em seu “traçado ideológico” e “ação militante”, *A Guerra Social* desponta como parte integrante da “imprensa anarquista de combate” (PRADO, 2008), expressão de um compromisso com os trabalhadores e seu cotidiano, sua formação, organização e mobilização para a luta social.

O fim d’*A Guerra Social* se insere num contexto de ascenso do movimento operário e anarquista, podendo ser atribuído, em grande medida, tanto à reação das forças policiais que reprimiam consideravelmente a mobilização e atuação dos trabalhadores, quanto à escassez de recursos para manter a folha em circulação.

Últimas considerações

Muitas outras questões poderiam ser abordadas neste estudo a respeito do periódico anarquista *A Guerra Social*. Não foi minha pretensão realizar uma análise exaustiva e muito menos definitiva, mas tão-somente apresentar uma contribuição à investigação do periodismo anarquista, destacando o papel de combate exercido por essa folha libertária à ordem estabelecida e sua ação militante e formativa junto aos trabalhadores, projetando-

¹⁰ Sergio Luis Monteiro Mesquita foi uma das primeiras vítimas da pandemia de COVID19 no Brasil, falecendo precocemente, aos 57 anos de idade, no dia 30 de abril de 2020. Sergio Mesquita era professor de História, negro, lecionava em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, tinha mestrado pela UERJ e vínculo com o Núcleo de Pesquisa Marques da Costa e a Biblioteca Social Fabio Luz, ambos ligados à Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ). Pesquisador rigoroso, preparava-se para cursar o doutorado em História quando teve a vida ceifada em decorrência da falta de uma política pública integrada e eficaz no combate à doença. Registre-se, na oportunidade, que há poucos dias, 07 de outubro, o país ultrapassou a marca de 600 mil mortes pela doença, fruto do descaso do atual governo com a saúde pública e o bem-estar da população brasileira.

se como contraponto a chamada grande imprensa comercial e burguesa do período estudado.

Embora a sua existência tenha sido breve e entrecortada por inúmeras dificuldades, *A Guerra Social* representou uma força social a travar uma luta sem tréguas em nome dos trabalhadores, segmentos explorados e oprimidos. Alimentou e foi alimentada pelos movimentos de contestação popular que marcaram o ano de 1912, quando teve início uma conjuntura agitada por protestos variados que, muitas vezes, transformavam as ruas da cidade-capital em palcos de manifestações e enfrentamentos, com os operários e anarquistas de um lado e a polícia de outro. No entanto, a repressão e a precariedade de recursos financeiros acabaram por derrotar, momentaneamente, o ânimo, a coragem e a solidariedade intra e entre os grupos libertários, tirando mais um periódico anarquista de circulação, em outubro de 1912.

Enquanto circulou, *A Guerra Social* foi um instrumento vivo da militância libertária, produto do projeto e ação coletivos de alguns poucos indivíduos que acreditaram na possibilidade de mobilizar as energias humanas no intuito de construir um mundo outro, pleno de possibilidades para todos e todas. Não estabeleceu com o leitor uma comunicação de via única, pelo contrário; foi um canal de comunicação vivo, aberto aos dois lados do pacto comunicativo, sempre disposto a dialogar com os trabalhadores, em interação reiterada e constante.

Em um momento marcado pelo avanço do modelo ultraliberal concentrador de renda que agrava as condições de vida da grande maioria da população brasileira, sujeitando milhões à fome, em que grupos vinculados à extrema direita, de viés antidemocrático, exercem o poder defendendo o conservadorismo moral e político, em que reformas políticas sequestram direitos trabalhistas e previdenciários aos trabalhadores, em que a retórica de ódio integra a vida política nacional, desejando a aniquilação do *outro*, em que a pesquisa científica e a cultura se encontram sucateadas, em que se enfrenta grave crise sanitária, econômica e política no país, este artigo abriu-se a uma outra história, que remete a outra memória: a história (e memória) da resistência e da luta dos explorados e oprimidos de outros tempos para transformar suas vidas de exploração e escassez em uma existência digna.

O periódico *A Guerra Social* fez parte dessa história, faz parte dessa memória, projetando-se como fruto da ação e cultura libertárias. Produziu sentidos que vão muito além de sua existência material, posto que representa um conjunto de vozes operárias, tão legítimas quanto quaisquer outras na experiência do periodismo e na crítica que exerceram. Sua luta pela construção de uma sociedade livre e autogestionária exprime seu verdadeiro significado político e legado histórico. Que nos sirva de inspiração!

Fontes

Periódico:

A Guerra Social. Rio de Janeiro, 1911/1912. (32 exemplares) - Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP) / AMORJ (IFCS-UFRJ).

Referências

ALVARENGA, Lucas Thiago Rodarte. Nos bastidores de um jornal anarquista: as mobilizações de um grupo de propaganda para a publicação do jornal *A Terra Livre* (1905-1910). In.: **Revista Latino-**

Americana de História. Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS. São Leopoldo (RS). v. 7, nº 19, pp 44-62, jan./jul. 2018.

BARRANCOS, Dora. “As ‘leituras comentadas’: um dispositivo para a formação da consciência contestatária entre 1914-1930.” In: **Cadernos AEL: Anarquismo e anarquistas.** Campinas, SP, UNICAMP / IFCH, vol.8/9, p. 151-163, 1998.

BERGER, Paulo. **Dicionário Histórico das Ruas do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Ed, 1974.

CARVALHO, André Leonardo Silva de; SAMIS, Alexandre. Lima Barreto e a prosa libertária. In.: MARTINS, Angela Maria Roberti (org.). **Escritores e textos libertários.** Rio de Janeiro: Ayran/FAPERJ, 2020. p. 89-109.

CHALMERS, Vera. **Escritas libertárias.** São Carlos: EdUFSCar, 2017.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In.: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (orgs). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. In.: **Projeto História.** Revista do Programa de Estudo Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: nº 35, p. 255-272, dez./2007.

CUNHA, Eduardo Augusto Souza. Impressos através das fronteiras: o circuito editorial anarquista de Buenos Aires (1890-1905). In.: MARTINS, Angela Maria Roberti; MORAES, José Damiro (orgs). **Dimensões da cultura e da experiência libertárias.** Rio de Janeiro: Ayran/FAPERJ, 2020. p. 199-222.

DANIEL, Adenildo. A Guerra Social: imprensa, sindicalismo e militância libertária (1911-1012) In.: **Emecê: Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa.** Rio de Janeiro. Ano VII, nº 21, out./2011. Disponível em https://marquesdacosta.files.wordpress.com/2011/12/emece_21.pdf. Acesso em 29/09/2021.

DE CLEYRE, Voltairine. **Escrito(s) a vermelho.** Antologia de textos escolhidos (1890-1912). Barricada de livros: Lisboa, 2019.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil.** São Paulo. Ática, 1988.

JARDIM, Jorge Luiz. Imprensa operária: comunicação e organização. **Estudos Iberoamericanos.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. v. XXII, n. 2, p. 27-40, dez./1996.

LITVAK, Lily. **Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913).** Barcelona: Antoni Bosch Editor, 1981.

MARTINS, Ana Luiza Martins; DE LUCA, Tania Regina (orgs). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Angela Maria Roberti. Considerações acerca da literatura que se produziu e circulou no movimento anarquista durante a Belle Époque no Rio de Janeiro e a produção literária de Domingos Ribeiro Filho. NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima. (orgs). **Belle Époque em perspectiva.** Rio de Janeiro: FAPERJ, LABELLE; São Paulo: Intermeios, 2020. p. 201-218.

MARTINS, Angela Maria Roberti. O segredo dos corpos: representações do feminino nas páginas libertárias. ADDOR, Carlos Augusto; DEMINICIS, Rafael. (orgs). **História do anarquismo no Brasil: volume 2.** Rio de Janeiro: Achiamé: Rio de Janeiro, 2009. p. 119-163.

MESQUITA, Sergio. A imprensa anarquista do Rio de Janeiro diante da Revolução Mexicana – anos 1910. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, julho 2011. http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300885986_ARQUIVO_AIMPRESAANARQUIS_TADORIODEJANEIRODIANTEDAREVOLUCAO.pdf Acesso em 30/09/2021.

MESQUITA, Sergio. A imprensa ácrata do Rio de Janeiro e a Revolução Mexicana. **Emecê: Boletim do Núcleo de Pesquisa Marques da Costa.** Rio de Janeiro. Ano V, nº 18, dez./2010. Disponível em https://marquesdacosta.files.wordpress.com/2011/12/emece_21.pdf Acesso em 01/10/2021.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

OLIVEIRA, João Henrique. Por uma comunicação libertária: estratégias e características da propaganda anarquista no Brasil. ADDOR, Carlos Augusto et. al. (orgs). **História do anarquismo no Brasil**: volume 3. São Paulo: Entremares, 2021. p. 235-260.

PRADO, Antonio Arnoni. Imprensa, cultura e anarquismo. MARTINS, Ana Luiza Martins; DE LUCA, Tania Regina (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 131-148.

RODRIGUES, Edgar. **Os companheiros**. Florianópolis: Insular, 1998. v. 1, 2, 3, 4 e 5.

RODRIGUES, Edgar. **Pequena história da imprensa social no Brasil**. Florianópolis: Insular, 1997.

SILVA, Doris Accioly e. Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica. **Educação & Sociedade**. Campinas: UNICAMP. v. 32, n. 114, p. 87-102, jan.-mar. 2011. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 26/08/2021.

Recebido em 2021-10-30

Publicado em 2022-05-01